

# “Cegos que, vendo, não veem” : a animalização do outro em *Ensaio sobre a cegueira*

Renata Villon\*

## Resumo

O presente artigo busca analisar, baseado nas teorias da animalidade, a importância da visão no processo de apagamento de subjetividade. A partir de alguns escritos de Hélène Cixous, que fala tanto de cegueira quanto do amor ao animal, o trabalho passa a dissecar a obra saramaguiana **Ensaio sobre a cegueira** e a forma como a animalização é retratada nela. O estudo se delinea de tal forma a ponto de concluir que Saramago aborda com a obra uma cegueira muito maior do que a física, que é a cegueira para o Outro, e como ela tem danificado as relações humanas e não humanas igualmente. Conclui-se, enfim, que a verdadeira visão seria a que considera o Outro e que a violência e a desolação retratadas e que ocorrem quotidianamente se devem a uma falta de empatia com tudo e todos que são considerados menos que humanos.

**Palavras-chave:** Animalidade; visão; outridade; linguagem.

---

\* Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Bolsista do CNPq. Bacharel em Letras. Mestranda do programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6938-4722>.

# “Blind People who can see, but do not see”: Dehumanization of the Other in the Book *Blindness*

## Abstract

The present article analyses, based on the animal studies, the importance of sight in the process of erasing subjectivity. Having in mind some writings of Hélène Cixous, that speaks of blindness and of love towards animal beings, the work then dissects Saramago's book *Ensaio sobre a cegueira*, and how the animalization is depicted in it. The text then progresses in such a way that it is concluded that Saramago approaches with his work a blindness much bigger than the physical one, which is the blindness towards the Other, and how it's been damaging the human and non-human relationships equally. At last, it is concluded that the true sight is the one that considers the Other, and that the violence and desolation depicted in the work and that happen every day is due to a lack of empathy to everyone and everything that is considered less than human.

**Keywords:** Animal studies; Sight; Otherness; Language.

## Introdução

Helène Cixous, no ensaio intitulado “Saber ver” (2001), conta a experiência de ter sido míope a maior parte de sua vida, acabando por questionar os próprios limites da visão: quem, ela se indaga, é capaz de ver absolutamente tudo? Após uma cirurgia de correção de miopia, essas dúvidas a respeito da visão e da cegueira se tornam ainda mais latentes, já que ela descobre algo que havia de fantástico no quase-ver míope e daquilo que ela descreve como “ter olhos e ser cega”. Ao final do ensaio, ela chega à conclusão de que todos são cegos em alguma extensão; afinal: “os videntes, saberão eles que veem? E os não videntes, saberão eles que veem diferentemente? Que vemos nós? Os olhos, verão eles que veem? Uns veem e não sabem que veem. Têm olhos e não veem que não não-veem [...]”. (CIXOUS, 2001, p. 16). Parece haver algum ensinamento semelhante na obra Saramaguiana **Ensaio sobre a cegueira** (1995), o que já se demonstra na epígrafe: “Se puderes olhar, vê. Se puderes ver, repara [...]”. Assim como em Cixous, há uma instigante sugestão de que ter olhos, olhar, não seria suficiente; seria necessário, além disso, reparar, ir para além do que os olhos alcançam. Seria necessário não apenas possuir olhos que enxergam, mas também saber ver.

Apesar da epígrafe, a trama de Saramago retira quase que por completo a possibilidade de visão, já que todos os habitantes de uma cidade não nomeada são acometidos subitamente por uma peculiar cegueira, que acaba por destruir a vida que antes conheciam e trazer novas dimensões do descaso, da maldade e da desolação. Mais do que isso, o simbólico e incoerente “mal branco” faz com que tudo o que antes se pensava ser verdade tenha que ser reexaminado pelas personagens, já que a cegueira por eles sofrida não é um mergulho na escuridão, mas um viver numa insuportável claridade. Curiosamente, a cor branca seria a que reúne em si todas as cores – o exato contrário da cor preta – e a que reflete todos os raios luminosos, não absorvendo nenhum e por isso aparecendo como clareza máxima. Ou seja: apesar da figuração da luz, da claridade e, portanto, da

própria brancura como símbolos do saber, do conhecimento e do raciocínio, a convergência de todos esses elementos e sua culminância em um ponto de “glória luminosa”, como chega a descrever o narrador, causariam, na verdade, uma ausência mais profunda do que a própria escuridão, já que se é cegado pela clareza e dela não se absorve coisa alguma. Ironicamente, o traço definidor da superioridade humana, que seria a luz da sabedoria e do raciocínio, é mesmo o que termina por cegá-los.

Essa é apenas uma das várias formas como as qualidades humanas são despojadas dos que cegam ao longo da narrativa. O contraste de tratamento entre os humanos que não cegaram e os que cegaram, no período em que o mal branco ainda não havia se espalhado por completo, evidencia a desumanização com que se trata aqueles que necessitam de amparo:

A vontade dos soldados era apontar as armas e fuzilar deliberadamente, friamente, aqueles imbecis que se moviam diante dos seus olhos como caranguejos coxos, agitando as pinças trôpegas à procura da perna que lhes faltava. Sabiam o que no quartel tinha sido dito essa manhã pelo comandante do regimento, que o problema dos cegos só poderia ser resolvido pela liquidação física de todos eles, os havidos e os por haver, sem contemplações falsamente humanitárias, palavras suas, da mesma maneira que se corta um membro gangrenado para salvar a vida do corpo, A raiva de um cão morto, dizia ele, de modo ilustrativo, está curada por natureza. (SARAMAGO, 1995, p. 58).

Diversas vezes esses primeiros cegos são descritos como cães raivosos ou como ovelhas indo ao matadouro, ou ainda como animais peçonhentos a serem liquidados. No entanto, a cegueira se estende por completo, e aqueles que negaram socorros terminam também por não ter quem os socorra, sozinhos e entregues à sua própria desgraça. Todos terminam por se tornarem “cães raivosos”, vagando sem cura para sua enfermidade que não seja, de fato, a morte. Tendo isso em vista, o presente trabalho pretende analisar a obra à luz das teorias e filosofias animais, discorrendo sobre as questões de visão e de animalidade e como elas parecem se conectar.

## A animalidade e a visão do Outro

Todos cegam, com exceção da mulher de um médico oftalmologista. Ela é a testemunha ocular das condições dos primeiros cegos, por ter fingido a cegueira para acompanhar o marido, e sofrendo com eles a privação de tudo o que se é considerado a dignidade humana, tal como o asseio pessoal. Cada vez mais a animalidade vai se instalando, como confirma o narrador em um ponto já avançado da obra: “Estes cegos, se não lhes acudirmos, não tardarão a transformar-se em animais, pior ainda, em animais cegos [...]” (SARAMAGO, 1995, p. 75). Ainda no início do confinamento e incapaz de se limpar após evacuar, o médico, chorando e extremamente sujo, admite a falta de humanidade de sua situação: “há muitas maneiras de se tornar um animal, pensou, esta é só a primeira delas [...]” (SARAMAGO, 1995, p. 53-54). Mas, logo depois, se consola com o fato de que ainda tem quem o limpe, ainda tem um par de olhos que, em segredo, o assiste e vela por seu bem-estar. Ela, no entanto, não deixa de se sentir impotente e menos que humana, assombrada pela perspectiva do cegar sempre iminente, já que eles não são capazes de enxergar esperança na situação em que se encontram, e a humanidade parece cada vez mais se afastar:

[...] tão longe estamos do mundo que não tarda que comecemos a não saber quem somos. nem nos lembramos sequer de dizer-nos como nos chamamos, e para quê. para que iriam servir-nos os nomes nenhum cão reconhece outro cão ou se lhe dá a conhecer. pelos nomes que lhes foram postos, é pelo cheiro que identifica e se dá a identificar. nós aqui somos como uma outra raça de cães, conhecemo-nos pelo ladrar, pelo falar, o resto feições, cor dos olhos, da pele, do cabelo, não conta, é como se não existisse, eu ainda vejo, mas até quando. (SARAMAGO, 1995, p. 33).

O processo de animalização ou de desumanização foi discutido em incontáveis obras a respeito da teoria da animalidade. Jacques Derrida, em *L'animal que donc je suis* (2006), analisa a aparente necessidade humana de se manter como superior aos outros seres e lhes impor dominância, o que, na tradição judaico-cristã, ocorre desde o Éden e a concessão divina de toda a natureza às mãos humanas, resultando em um regime de exploração e

devastação da natureza e dos animais. A tradição filosófica antropocêntrica ocidental, que reafirmou o papel do homem como superior graças à sua racionalidade, é, então, criticada por Derrida ao longo de seus seminários de defesa ao animal. Mas, além disso, ele deixa claro como isso pode se reverter contra a própria humanidade ao fazer a seguinte comparação lembrando as palavras de Adorno, quando este afirma que o idealismo kantiano detesta qualquer aproximação, afinidade ou semelhança entre homens e animais:

Adorno vai ainda mais longe: em um sistema idealista, os animais performam virtualmente o mesmo papel que os Judeus em um sistema fascista, ele diz. Os animais seriam os Judeus dos idealistas, que não seriam nada mais que fascistas virtuais. E esse fascismo começa quando se insulta um animal, e até o animal dentro do homem. O idealismo autêntico consiste em insultar o animal no interior do homem ou em tratar um homem como animal. (DERRIDA, 2006, p. 143)<sup>1</sup>.

Essa menção ao “animal dentro do homem” pressupõe o que também afirma o escritor Jean-Christophe Bailly em seu livro *Le parti pris des animaux* (2013), ao dizer que a animalidade engloba tanto uma zona de exclusão quanto uma zona de inclusão no que diz respeito à humanidade: “o homem não escapa à animalidade, ele sucumbe a ela [...]”, mas ao mesmo tempo e “apesar de tudo, [o homem] é o que sai ou o que tende a sair da animalidade [...]” (BAILLY, 2013, p. 43). Essa relação de dupla via entre humanidade e animalidade, em que um acaba por adentrar (e se confundir com) o outro, pode levar a uma reflexão sobre de que forma os humanos, ao serem despidos do que se chama humanidade, se aproximam do que seria um ser animal. Em *O aberto: o homem e o animal* (2017), Agamben fala similarmente sobre a “máquina antropológica dos modernos”, que funciona pelo processo de inclusão de alguns e de exclusão de outros, no qual os “de fora” seriam os considerados “subumanos” ou os “animais em forma humana”. Para Derrida, em sua menção a Adorno, isso resulta numa rejeição total da animalidade por parte do homem, estendendo-se até o extermínio e exploração dos seres animais ou mesmo de todos aqueles que em algum

<sup>1</sup> Tradução minha. “Adorno va d’un coup très loin: pour un système idéaliste, les animaux jouent virtuellement le même rôle que les Juifs pour un système fasciste, dit-il. Les animaux seraient les Juifs des idéalistes qui ne seraient ainsi que des fascistes virtuels. Et ce fascisme commence quand on insulte un animal, voire l’animal dans l’homme. L’idéalisme authentique consiste à insultar l’animal dans l’homme ou à traiter un homme d’animal”.

momento são colocados em uma posição bestial: isso ocorreu no período de colonização do “homem selvagem”, nos regimes de escravidão e, como citado por Derrida, no Holocausto judeu. E assim ocorre todas as vezes que uma parte da humanidade deseja se afirmar como superior a outra, de forma a animalizar o outro e negar sua subjetividade.<sup>2</sup>

Ainda segundo Derrida, a visão seria uma importante parte para o reconhecimento de alteridade. Mais precisamente, o fato de os animais serem vistos como incapazes de retribuir o olhar dos homens contribuiria para o apagamento de sua subjetividade, em conjunto com outros fatores. Inclusive, é o olhar atento de seu gato em sua direção que faz com que Derrida tenha que admitir que está sendo visto e que há uma subjetividade por trás daquele olhar; algo que, mesmo não sendo dito, se manifesta por meio da visão: “O que me dá a ver esse olhar sem fundo? O que me ‘diz’ ele que manifesta em suma a verdade nua de todo olhar, quando essa verdade **me dá a ver** nos olhos do outro, nos olhos **videntes** e não apenas **vistos** do outro?” (DERRIDA, 2006, p. 29)<sup>3</sup>. A vergonha que Derrida sente ao ser encarado nu pelo gato resulta na inevitável sensação de que o animal é, e não poderia deixar de ser, um Outro, capaz de olhar e de ser olhado.

## A cegueira como falta de compaixão

O egocentrismo humano e a incapacidade de levar em conta a existência e o olhar alheio é, então, levado ao extremo no **Ensaio sobre a cegueira**. Todos os que cegam também são incapacitados de serem vistos, fazendo com que a desumanização praticada com o outro aconteça na mesma medida consigo mesmo. Parece, então, que não há desumanização do outro sem que seja deixada de lado a própria humanidade: “Pode ser que a humanidade venha a conseguir viver sem olhos, mas então deixará de ser

2 Evidentemente, toda a questão que envolve o abandono da vida se liga também ao conceito de biopolítica, que, no contexto de correlação entre vidas animais e humanas, é muito bem explicitado por Gabriel Giorgi em **Formas comuns: animalidade, literatura e biopolítica** (2016). Toda a questão das “vidas a proteger” e das “vidas a abandonar” toma outra forma diante do embaçamento entre vidas humanas e animais que parece se atestar cada vez mais: “Nessa inflexão, a oposição ontológica entre humano e animal, que foi uma matriz de muitos sonhos civilizatórios do humanismo, é substituída pela distribuição e pelo jogo **biopolítico**, quer dizer, arbitrário e instável, entre pessoa e não pessoa, entre vidas reconhecíveis e legíveis socialmente, e vidas opacas à ordem jurídica da comunidade [...]” (GIORGI, 2016, p. 27).

3 Tradução minha. “Que me donne à voir ce regard sans fond? Que me ‘dit’-il qui manifeste en somme la vérité nue de tout regard, quand cette vérité **me donne à voir** dans les yeux de l’autre, dans les yeux **voyant** et non seulement **vus** de l’autre?” (Grifo do autor).

humanidade, o resultado está à vista, qual de nós se considerará ainda tão humano como antes cria ser [...]” (SARAMAGO, 1995, p. 142-143). Sem olhos, não há humanidade. Já em oposição à cegueira incapacitante, o “ver” parece estar ligado, como no ensaio de Cixous anteriormente citado, a uma experiência que beira o divino:

Mas nesta madrugada sem subterfúgio ela tinha visto com os seus próprios olhos o mundo, sem intermediário, sem as lentes de não-contacto. A continuidade da sua carne e da carne do mundo, o tocar portanto, era o amor, e aí residia o milagre, a doação. Ah! Ainda na véspera ela não sabia que os olhos são mãos milagrosas, não tinha nunca fruído com o delicado toque da córnea, das pestanas, as mãos mais poderosas, estas mãos que tocam imponderavelmente os aqui próximos e distantes. Ela não tinha sabido que os olhos são os lábios nos lábios de Deus. (CIXOUS, 2001, p. 14).

A falta de visão aparece aqui como uma falta de tato e de contato com o mundo, mas também de compaixão. O “milagre” do ver é o amor, que se encontra quase completamente em falta no “reino duro, cruel e implacável dos cegos” (SARAMAGO, 1995, p. 75). A capacidade de identificar e amparar aqueles ao redor parece então um dom de visão, que é também o dom do amor; não de um simples ver, mas de reparar, de cuidar e de amparar. Fica evidente que toda a desgraça do livro é resultada também por uma cegueira de tudo o que seria bom e aprazível no mundo, coisa que o grupo de cegos que permanece juntos após o incêndio no hospício só consegue recuperar no final da narrativa. “Está visto que aqui já ninguém se pode salvar, a cegueira também é isto, viver num mundo onde se tenha acabado a esperança [...]” (SARAMAGO, 1995, p. 117). Sem enxergar possibilidades no mundo, sem a esperança, o viver fica vazio e sem sentido. Mas a cegueira para o amor não parece ser uma consequência do mal branco em si. Isso fica claro no desfecho do livro, quando, ao estarem todos curados, o médico e sua mulher chegam à conclusão de que são cegos, apesar de serem capazes de ver: “Cegos que, vendo, não veem [...]” (p. 183). Essa conclusão é similar à de Cixous no final de “Saber ver”, ao reconhecer que a miopia também lhe fornecia uma experiência única e que todos, indiscriminadamente, são cegos em alguma instância. Parece então que o mal branco somente fez se sobressaltar a verdadeira e danosa cegueira, esta que acaba com o amor e com a esperança.



## Olhos que realmente veem

Não se pode esquecer, no entanto, que ainda existem olhos videntes na cidade ficcional. A mulher do médico é quem tem que suportar o maior fardo, que deve ter a miséria permanentemente diante dos olhos, sem muito o que possa fazer para ajudar, também sem esperanças, a ponto de desejar estar cega. É ela quem faz o possível, sem deixar que muitos saibam que ainda consegue ver, para ajudar aqueles a quem pode e lhes dar um pouco de dignidade e amparo. No grupo de cegos que se mantém unido até o fim da narrativa, muito de sua sobrevivência se deve ao zelo dela. Mas, além disso, se deve ao fato de terem aprendido a confiar uns nos outros e a se amparar mutuamente do jeito que podiam.

Na mulher do médico se evidencia a necessidade de reciprocidade do olhar para que se complete o reconhecimento de subjetividade e outridade mútua: “Cada vez irei vendo menos, mesmo que não perca a vista tornar-me-ei mais e mais cega cada dia porque não terei quem me veja.” (SARAMAGO, 1995, p. 178). Ela reconhece que, sem ter alguém que realmente a veja, ela também não poderia inteiramente ver, e, assim, o processo de desumanização que atingiu a todos na calamidade também a aflige, apesar de não se concretizar totalmente; afinal, ela entende e tem diante dos olhos todos os desastres resultantes da cegueira, mas ainda assim não sabe inteiramente o que é ser cega: “teria ela própria de cegar também para compreender que uma pessoa se habitua a tudo, sobretudo se já deixou de ser pessoa [...]” (SARAMAGO, 1995, p. 126).

Ela foi vista, no entanto, por um improvável par de olhos no prosseguir da narrativa. Após saírem do asilo e se abrigarem provisoriamente na urbe, a mulher, a única que é capaz de encontrar provisões e alimentos antes que todos desfaleçam, anda pelas ruas e se perde no caminho de volta até seus companheiros. Na rua imunda e quase irreconhecível, ela se senta e chora pela sua situação, por sua fraqueza e por conta da tarefa ainda não concluída. Se destacando de um bando de cães vadios, um cachorro se aproxima dela, lambe suas lágrimas e se deixa ser abraçado. Dessa forma ela encontra forças para prosseguir e reconhecer o caminho, e o cão passa a ser fiel companheiro do bando, sendo conhecido como o “cão bebedor de lágrimas”. Assim, é nos cuidados de um cão que a mulher encontra

consolo, amor e compreensão; o único que não apenas a enxergou – e que foi capaz de enxergá-la, afinal –, mas também que soube vê-la, reconhecê-la, e ampará-la, para além de um simples reconhecimento.

Em *Animal amour* (2021), livro onde fala sobre a relação com os animais, além de sua conturbada infância crescendo na antissemita Argélia, Hélène Cixous fala também de cegueira. Nele, ela conta como foi conturbado o relacionamento com o cão Fips, pelo fato de não ter sabido vê-lo propriamente: “Fips, se houvésemos sabido olhá-lo, nos teria levado a crer que era um descendente de Prometeu. O fogo jorrava de seus olhos, era um fogo que falava. [...] Não era o olhar de uma criança, mas sim de um profeta [...]” (CIXOUS, 2021, p. 17)<sup>4</sup>. Essa cegueira, diferente da miopia de “Saber ver” e que minava suas esperanças de comunicação, parece se relacionar bem com o livro de Saramago:

O que eu poderia ter feito? Eu não enxergava. Era cega ou, antes, cegada pela fraqueza, pelo medo e pelos piores sentimentos. [...] Hoje sei que poderia ter feito algo, poderia ter murmurado palavras que todos os seres vivos compreendem em qualquer língua. Poderia ter cantado uma canção de amor. [...] Mas é uma outra história, poder dizer que existe uma língua na qual podemos nos traduzirmos e nos entendermos entre os seres viventes. (CIXOUS, 2021, p. 30-31)<sup>5</sup>.

## O papel da linguagem no reconhecimento do Outro

Maior do que a cegueira física, o que realmente impede o contato e o reconhecimento com o Outro são os sentimentos ruins, os mesmos que dominam o mundo arruinado em que vivem os cegados pelo mal branco. O “saber ver” seria também uma questão de saber se comunicar, saber ir para além da linguagem comum e falar numa língua reconhecível por todos. Não à toa, a ausência da linguagem humana, ou, mais especificamente, da fala, é

4 Tradução minha. “Fips, si nous n’avions su le regarder, nous aurions cru qu’il était un descendant de Prométhée. Le feu jaillissait de ses yeux, c’était un feu parlant. Au fond de nous, nous entendions quand même ce que ce feu disait. Ce n’était pas un regard d’enfant mais celui d’un prophète”.

5 Tradução minha. “Qu’aurais-je pu faire? Je ne voyais pas. J’étais aveugle, ou plutôt aveuglée par la faiblesse, la peur et le pire des sentiments. [...] Aujourd’hui je sais que j’aurais pu faire quelque chose, j’aurais pu murmurer les mots que tous les êtres vivants comprennent dans n’importe quelle langue. J’aurais pu lui [Fips] chanter une chanson d’amour. [...] Mais c’est une autre histoire pour dire qu’il existe une langue dans laquelle on peut se traduire et s’entendre entre êtres vivants”.

outro elemento citado por Derrida como condicionante de uma visão dos animais como inferiores na filosofia. Mas, em muitos momentos, o falar em palavras se mostra insuficiente diante da desgraça e do sofrimento, o que se torna também presente na narrativa de Saramago. A mulher do médico, antes mesmo do comovente encontro com o cão, expressa sua vontade de falar por meio de lágrimas, mal sabendo que esse pedido seria realizado por um improvável ser: “Cala-te, disse suavemente a mulher do médico, calemo-nos todos, há ocasiões em que as palavras não servem de nada, quem me dera a mim poder também chorar, dizer tudo com lágrimas, não ter de falar para ser entendida [...]” (SARAMAGO, 1995, p. 98).

A insuficiência da linguagem diante da miséria e da barbárie foi expressa ainda a respeito do extermínio judeu pelo teórico Theodor W. Adorno: “escrever um poema após Auschwitz é um ato bárbaro, e isso corrói até mesmo o conhecimento de por que hoje se tornou impossível escrever poemas [...]” (ADORNO, 1998, p. 26). Essa declaração, apesar de radical, traz consigo a ideia de que certas coisas são simplesmente **indizíveis**. O melhor seria, como diz a mulher do médico, falar e escrever por lágrimas, ser entendido a partir do íntimo das emoções. É isso também que teve de aprender o grupo de cegos que se mantém unido, apesar de todas as experiências indizíveis pelo qual passaram. Esse compartilhamento de momentos íntimos, mesmo sem visão, se deu por certa predisposição a se deixar conhecer e querer também conhecer o Outro, o que também resulta em um processo de autoconhecimento. E foi o que ocorreu quando, mesmo em um mundo tão bruto e cruel, três mulheres, mesmo não podendo todas se verem ou expressarem o que sentiam, quiseram ver e ser vistas, se despindo assim de suas iniciais inibições e fazendo surgir palavras de amor e de companheirismo.

As palavras são assim, disfarçam muito, vão-se juntando umas com as outras, parece que não sabem aonde querem ir, e de repente, por causa de duas ou três, ou quatro que de repente saem, simples em si mesmas, um pronome pessoal, um advérbio, um verbo, um adjetivo, e aí temos a comoção a subir irresistível à superfície da pele e dos olhos, a estalar a compostura dos sentimentos, às vezes são os nervos que não podem aguentar mais, suportaram muito, suportaram tudo, era como se levassem uma armadura, diz-se A mulher do médico tem nervos de aço, e afinal a mulher do médico está desfeita em lágrimas por obra de um

pronomes pessoais, de um advérbio, de um verbo, de um adjetivo, meras categorias gramaticais, meros designativos, como o são igualmente as duas mulheres mais, as outras, pronomes indefinidos, também eles chorosos, que se abraçam à da oração completa, três graças nuas sob a chuva que cai. (SARAMAGO, 1995, p. 157).

Seja no total silêncio ou em abundância de palavras e pensamentos, seja em um mundo de cegos ou de visibilidade integral, é esse movimento de nudez que vai de íntimo para íntimo que realmente permite que se reconheça um Outro, esteja ele em qualquer limiar que possa existir entre o humano e o animal. Tanto pelas lágrimas que jorram, como pela troca de olhares, ou pelas palavras, essa intenção de conhecer é capaz de conferir dignidade em um mundo hostilizado. Bailly (2013) fala de ir ao encontro do silêncio em que vivem os animais para tentar identificar o que ali se diz. E é indo ao encontro do silêncio, da fala ou do olhar que se dá a conhecer. O médico, em determinado momento, diz que se um dia voltar a enxergar olhará sempre no fundo dos olhos das pessoas, chegando mesmo em suas almas. Pior seria se, voltando a enxergar, vivesse na cegueira total de nunca tentar entender o que pode existir de profundidade em outra pessoa. Pior seria continuar a ser cego, mesmo enxergando.

## Considerações finais

As personagens, ao reencontrarem o amor e a esperança, também reencontraram a visão. Mas somente a visão não é capaz de manter tais sentimentos para sempre. O narrador deixa isso claro:

[...] realidades sujas da vida também têm de ser consideradas em qualquer relato, com a tripa em sossego qualquer um tem ideias discutir, por exemplo, se existe uma relação directa entre os olhos e os sentimentos, ou se o sentido de responsabilidade é a consequência natural de uma boa visão, mas quando a aflição aperta, quando o corpo se nos desmanda de dor e angústia, então é que se vê o animalzinho que somos. (SARAMAGO, 1995, p.141).

A lição a ser aprendida em um mundo que é tantas vezes cegado pelo ódio, pelo preconceito e pela indiferença, ou mesmo pela impotência diante de todas as tragédias, é a de se compadecer da dor do outro, tanto aquela que é vista pessoalmente como aquela que não é vista. Marguerite Yourcenar, no ensaio “Uma civilização de compartimentos estanque” (2018), constrói a tese de que “o ser humano não se compadece dos males de que não teve experiência direta ou de cuja vista não participou pessoalmente [...]” (YOURCENAR, 2018, p. 116). Seria preciso então amor, coragem e compaixão para protestar em voz alta, ou para se identificar mesmo com aquilo que não se vê. E, mesmo ao testemunhar a desgraça, o sentimento desolador de não poder ajudar e a paralisia causada pelo medo podem também contribuir para a perpetuação da cegueira. Esses sentimentos podem nunca passar; mas saber ver os outros pode, ao menos, atestar dignidade e respeito àqueles que são tratados como menos que humanos, ao mesmo tempo que conferindo mais dignidade e humanidade a todos aqueles que se esforçam para “cantar canções de amor”, como ato de resistência e de afeto.

## Referências

ADORNO, Theodor W. **Dialética Negativa**. Tradução de Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

AGAMBEN, Giorgio. **O aberto: o homem e o animal**. Tradução de Pedro Mendes. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2017.

BAILLY, Jean-Christophe. **Le Parti pris des animaux**. Lonrai: Christian Bourgois éditeur, 2013.

CIXOUS, Hélènes. **Animal amour**. Montrouge: Balayard, 2021.

CIXOUS, Hélène; DERRIDA, Jacques. **Véus à vela**. Tradução de Fernanda Bernardo. Coimbra: Quarteto Editora, 2001.

DERRIDA, Jacques. **L'animal que donc je suis**. Paris: Galilée, 2006.

GIORGI, Gabriel. **Formas comuns:** animalidade, literatura, biopolítica. Tradução de Carlos Nougué. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira.** 1995. Disponível em: [https://rparquitectos.weebly.com/uploads/2/6/6/9/266950/jose\\_saramago\\_-\\_ensaio\\_sobre\\_a\\_cegueira.pdf](https://rparquitectos.weebly.com/uploads/2/6/6/9/266950/jose_saramago_-_ensaio_sobre_a_cegueira.pdf). Acesso em: 10 de janeiro de 2022.

YOURCENAR, Marguerite. **O tempo:** esse grande escultor. Tradução de Ivo Barroso. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2018.